

Educação física no exame nacional do ensino médio: quando o gênero entra em campo

Physical education in the national high school exam: when gender takes the field

Educación física en el examen nacional de la escuela secundaria: cuando el género entra al campo



Leandro Teofilo de Brito

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
teofilo.leandro@gmail.com



Fabiano Pries Davide

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
fabianodevide@uol.com.br

Resumo: Mapeamos e analisamos neste artigo questões referentes aos temas “gênero” e “sexualidade” nos itens de Educação Física (EF) presentes no ENEM, entre os anos de 2009 e 2019. O estudo se caracterizou como qualitativo, descritivo e documental. Como referenciais teórico-metodológicos, utilizamos a análise de conteúdo e os estudos de gênero pós-estruturalistas. Os resultados permitiram identificar cinco itens, dos quais um abordou aspectos relacionais do masculino e feminino e as demais focalizaram discussões sobre as mulheres no esporte ou a construção sociocultural de seus corpos. Avaliamos que as questões analisadas emergem como um espaço de resistência à vigilância e ao controle acerca da circulação do debate sobre gênero e sexualidade na Educação.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Enem. Conservadorismo.

Abstract: We mapped and analyzed in this article questions related to the themes “gender” and “sexuality” in the items of Physical Education

(PE) present in ENEM, between the years 2009 and 2019. The study was characterized as qualitative, descriptive and documentary. As theoretical-methodological references, we used content analysis and poststructuralist gender studies. The results allowed to identify five items, while only one addressed male and female relational aspects, the others focused on discussions about women in sport or the sociocultural construction of their bodies. We believe that the issues analyzed emerge as a space of resistance to surveillance and control over the circulation of the debate on gender and sexuality in Education.

Keywords: Gender. Sexuality. Enem. Conservatism.

Resumen: Mapeamos y analizamos en este artículo cuestiones relacionadas con los temas “género” y “sexualidad” en los ítems de Educación Física (EF) presentes en la ENEM entre los años 2009 y 2019. El estudio se caracterizó como cualitativo, descriptivo y documental. Como referentes teórico-metodológicos se utilizó la análisis de contenido y los estudios de género postestructuralistas. Los resultados permitieron identificar cinco ítems, uno de los cuales abordó aspectos relacionales entre masculinos y femeninos, mientras que los otros se centraron en discusiones sobre las mujeres en el deporte o en la construcción sociocultural de sus cuerpos. Creemos que los temas analizados emergen como un espacio de resistencia a la vigilancia y control sobre la circulación del debate sobre género y sexualidad en la Educación.

Palabras-clave: Género. Sexualidad. Enem. Conservatismo.

Submetido em: 30-09-2020

Aceito em: 27-04-2021

Introdução

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é uma avaliação aplicada pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) desde 1998 para avaliação educacional de egressos do Ensino Médio, sendo instrumento para ingresso no ensino superior pelos programas Sisu, ProUni e de instituições portuguesas. A partir de 2009, o exame se estruturou em dois dias, com quatro cadernos de provas objetivas contendo 180 questões e divididas numa matriz de conhecimento organizada em quatro áreas: Linguagens, códigos e suas tecnologias; Ciências humanas e suas tecnologias; Ciências da natureza e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; além de uma redação (BRASIL, 2009).

Ao longo dos anos, mudanças realizadas atestam a intenção do INEP em conferir um viés progressivamente inclusivo ao exame. Entre algumas ações, reconheceu-se o direito à participação de pessoas privadas de liberdade, adotou-se o modelo da prova em braile, além de uma vídeo-prova em libras, incorporou-se a isenção de inscrição para pessoas de baixa renda, assim como o atendimento à adoção do nome social para pessoas que se identificam como transgêneros (BRASIL, 2020).

Pela matriz de referência do ENEM, a Educação Física (EF) está presente no exame e inserida na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias, em conjunto com os componentes de Língua Estrangeira, Artes, Português e Literatura (BRASIL, 2012). A EF também está vinculada à competência 3, que visa “Compreender e usar a linguagem corporal como relevante para a própria vida, integradora social e formadora da identidade” (BRASIL, 2012). Tal competência está composta por três habilidades específicas, a saber: H9 – “Reconhecer as manifestações corporais de movimento como originárias de necessidades cotidianas de um grupo social”; H10 – “Reconhecer a necessidade de transformação de hábitos corporais em função das necessidades cinestésicas”; e H11 – “Reconhecer a linguagem corporal como meio de interação so-

cial, considerando os limites de desempenho e as alternativas de adaptação para diferentes indivíduos”.

Entre os objetos de conhecimento da EF, destaca-se na matriz de referência o item “Estudo das práticas corporais”: a linguagem corporal como integradora social e formadora de identidade, *performance* corporal e identidades juvenis, possibilidades de vivência crítica e emancipada do lazer, mitos e verdades sobre os corpos masculino e feminino na sociedade, exercício físico e saúde, o corpo e a expressão artística e cultural, o corpo no mundo dos símbolos e como produção da cultura, práticas corporais e autonomia, condicionamentos e esforços físicos, os esportes, as danças, as lutas, os jogos e as brincadeiras.

Desde 2009, o ENEM inclui entre duas a cinco questões de EF nos referidos cadernos de provas. Algumas pesquisas no campo da EF se debruçaram sobre a presença deste componente curricular no exame, a partir da análise das questões de prova à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais (SOUZA JÚNIOR; DINIZ; DITOMASO, 2017), das questões que tematizaram a saúde e o esporte (PONTES JÚNIOR *et al.*, 2016), ou da valorização e/ou desvalorização do componente curricular da EF escolar no âmbito do ENEM (BELTRÃO, 2014; FERNANDES; RODRIGUES; NARDON, 2017; FRANCO *et al.*, 2017; PONTES JÚNIOR *et al.*, 2017). Entretanto, os temas relacionados ao gênero e à sexualidade ainda não foram explorados pelos estudos de gênero na EF, apesar de presentes entre as questões da EF no ENEM.

Para fins deste estudo, entendemos o gênero como performativo, isto é, tanto como o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas na sociedade quanto como um aparato através do qual tais noções possam ser desconstruídas e desnaturalizadas, superando um quadro binário circulante e incorporado pelos sujeitos (BUTLER, 2015). Na EF, os estudos de gênero são uma vertente consolidada na produção acadêmica da área, que, inicialmente, buscou contestar os argumentos biológicos que diferenciaram socialmente os corpos de homens e mulheres no âmbito das práticas corporais e esportivas

(GOELLNER, 2013). A partir da década de 1990, Devide *et al.* (2011) e Devide (2020) destacam que dissertações, teses, artigos e livros ampliaram as discussões sobre o tema, debruçando-se em tópicos que versaram sobre história das mulheres, gestão esportiva, representações sociais, masculinidades, sexualidade, mídia esportiva, olimpismo, entre outros articulados ao gênero, promovendo a circulação desses estudos no campo da EF.

Neste contexto, reconhecemos que, na contemporaneidade, a abordagem das questões de gênero, sobretudo no campo da Educação, tem sido colocada em xeque por disputas políticas que ocorreram desde a retirada dos termos gênero, sexualidade e orientação sexual de documentos oficiais, tais como o Plano Nacional de Educação (PNE), alguns planos estaduais e municipais de Educação e, mais recentemente, a versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (DEVIDE, 2020). De todo modo, resistências se fazem presentes neste processo, como a própria presença das questões que tematizam o gênero no ENEM. Nesta arena de disputas, a resistência se processa no contexto da norma, que ao ser reiterada pelas posições de poder está suscetível à ruptura (BUTLER, 2015). Assim, mapeamos e analisamos neste artigo questões referentes aos temas “gênero” e “sexualidade” nos itens de EF presentes no ENEM, no intervalo entre os anos de 2009 e 2019.

Metodologia

O estudo se caracteriza como qualitativo, descritivo e documental (MOLINA, 2004; MINAYO, 2016). O *corpus* analisado corresponde aos 11 cadernos de Linguagens, códigos e suas tecnologias aplicados nos exames entre 2009 e 2019. Como referenciais teórico-metodológicos, utilizamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), que pode ser considerada um conjunto de técnicas para análise de comunicações, podendo assumir uma variedade de formas e se adaptar a um vasto campo de aplicação, não havendo *uma* técnica de Análise de Conteúdo, pois a mesma dependerá do material analisado; neste caso, os cadernos de provas do ENEM.

No que diz respeito à organização da análise, Bardin (2011) sugere cinco fases: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Na pré-análise, organizamos as ideias iniciais do estudo, escolhemos os documentos a serem analisados - referentes aos cadernos de provas do ENEM, formulamos questões e objetivos. Na leitura fluente realizada nesta etapa, identificamos 34 itens de EF no *corpus* documental analisado, representado pelos cadernos de Linguagens, códigos e suas tecnologias. Atendemos ao princípio da exaustividade, reunindo todos os elementos do *corpus*; da representatividade, tendo uma amostra representativa do universo do exame; da homogeneidade, reunindo os cadernos editados de 2009-2019; e da pertinência, pois todos os documentos são relevantes às reflexões necessárias para atingirmos o objetivo proposto.

Na fase de exploração do material, procedemos às operações de identificação e codificação das marcas presentes no texto dos itens de EF do *corpus* documental, em função do objetivo formulado no estudo, referente à identificação da temática de gênero e sexualidade nas questões de EF do ENEM. Esta ação nos permitiu identificar cinco itens que se aproximaram da temática do gênero no *corpus* documental analisado. Na etapa de tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, analisamos os resultados brutos de forma qualitativa e reflexiva, a partir dos referenciais teóricos dos estudos de gênero pós-estruturalistas.

Os estudos de gênero localizados nas perspectivas pós-estruturalistas privilegiam o debate por meio de abordagens que enfatizam os efeitos da linguagem e da cultura sobre o corpo, o sujeito, o poder e o conhecimento (MEYER, 2010). Assim, as diferentes instituições e práticas sociais trabalham na constituição dos sentidos do masculino e do feminino por um processo que não é linear, estando permanentemente em construção.

As abordagens feministas pós-estruturalistas se afastam daquelas vertentes que tratam o corpo como uma entidade biológica universal (apresentada como origem das diferenças entre

homens e mulheres, ou como superfície sobre a qual a cultura opera para produzir desigualdades) para teorizá-lo como um construto sociocultural e linguístico, produto e efeito das relações de poder (MEYER, 2010, p. 16).

Nessa discussão, Meyer (2010) está fundamentada no pensamento da teórica feminista Joan Scott, que postula que as perspectivas pós-estruturalistas enfatizam a centralidade da linguagem na comunicação, interpretação e nas significações do gênero, pois “para os/as pós-estruturalistas, linguagem não designa palavras, mas sistemas de significação – ordens simbólicas – que precedem o domínio real da fala, da leitura e da escrita” (SCOTT, 1995, p. 81). Os corpos generificados, para as perspectivas pós-estruturalistas, estão sujeitos à crítica desconstrutivista, o que significa “continuar a usá-los, repeti-los, a repeti-los subversivamente e a removê-los de contextos nos quais foram inseridos como instrumentos do poder opressivo” (BUTLER, 2018, p. 87).

No campo dos estudos de gênero na EF, Goellner (2013) destaca que o pós-estruturalismo interpreta a existência de diferentes formas de viver a feminilidade e a masculinidade e que essas identificações coexistem em relações sociais, que se constituem articuladas a diferentes categorias, como classe, etnia, religião, geração, entre outras, rompendo com uma base biológica tida como natural; entendimento produtivo para pensarmos as práticas corporais.

Ainda no contexto da análise do material, adotamos o processo de construção de um conjunto de categorias definido a *posteriori* ao contato com o material (BARDIN, 2011), obedecendo aos critérios de *exclusão mútua* (cada elemento não pode existir em mais de uma categoria); *homogeneidade* (um único princípio de classificação deve direcionar a sua organização); *pertinência* (a categoria deve estar adaptada ao material de análise, refletindo os objetivos do estudo); *objetividade e fidelidade* (as diferentes partes de um *corpus* devem ser categorizadas com os mesmos critérios; e a *produtividade* (as categorias devem oferecer resultados férteis

relacionados aos objetivos do estudo). Apresentamos e discutimos as categorias na sequência.

Resultados e discussão

Após a análise do material referente aos onze cadernos de Linguagens, códigos e suas tecnologias, mapeamos 34 itens referentes à área de EF, dos quais identificamos cinco itens que se aproximaram das questões sobre “gênero”, o que nos permitiu construir três categorias: Gênero e atividade física; Mulheres em modalidades de reserva masculina; e Construção sociocultural do corpo feminino, problematizadas a seguir.

Gênero e atividade física

Figura 1. Questão 99 da prova do ENEM 2011

QUESTÃO 99

Como a ideia de gênero está fundada nas diferenças biológicas entre os sexos, ela aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino. Assim, gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência. Além disso, relaciona-se com outras categorias, pois não somos vistos(as) de acordo apenas com nosso sexo ou com o que a cultura fez dele, mas de uma maneira muito mais ampla: somos classificados(as) de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, entre muitas outras.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*. Ano XIX, nº 48, ago.1999.

Diante do exposto, é possível perceber que as diferenças entre sexo masculino e feminino se encontram em todos os campos de atividades. Atualmente, no campo da prática de atividades físicas, percebe-se

- A** um aumento da participação, tanto do sexo feminino como do sexo masculino, na prática de exercícios e jogos que eram exclusivamente pertencentes a um determinado sexo, incluindo as pessoas com deficiência.
- B** uma manutenção na prática de exercícios direcionados ao uso de força física somente para os homens e outros que exigem delicadeza exclusivamente para as mulheres.
- C** um aumento da oferta por espaços que permitem praticar exercícios ao ar livre e/ou em academias direcionados a recreação e jogos, voltados para homens e mulheres, separando-os em razão de suas diferenças.
- D** uma manutenção das diferenças entre os sexos feminino e masculino, porém com um aumento significativo de mulheres que deixaram de praticar exercícios por não encontrar uma atividade adequada ao seu corpo.
- E** um aumento da procura por parte do sexo masculino de exercícios que propiciam relaxamento, educação postural e alongamento, com o objetivo de melhorar o desempenho na prática da musculação.

Fonte: ENEM 2011.

Esta categoria refere-se à participação de mulheres e homens em atividades físicas e esportivas numa perspectiva de gênero. A questão integrou o ENEM de 2011,¹ sendo a primeira a abordar o tema “gênero” nos itens da EF. Esta questão permitiu problematizar junto aos/às estudantes a prática das atividades físicas e esportivas atravessadas pelo binarismo masculino/feminino, usando um excerto do artigo de Eustáquia Salvadora de Sousa e Helena Altmann, intitulado *Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar*. Neste texto, Sousa e Altmann (1999) discutem as relações de gênero na EF escolar, abordando a generificação do esporte e as possibilidades de intervenção docente nas aulas. As autoras também problematizam a dimensão relacional do gênero e o atravessamento de marcadores da diferença, como idade, raça, etnia, classe social, além de altura, peso

¹ Disponível em: <https://bit.ly/3ikOxrC>. Acesso em: 22 jul. 2020.

corporal e habilidades motoras para pensar as aulas de EF escolar, foco do texto-base da questão.

O aspecto relacional do gênero diz respeito às articulações da teoria feminista, que na década de 1970 enfatizaram seu sentido como uma construção social que objetivava analisar as desigualdades entre mulheres e homens, atravessadas por relações de poder (SCOTT, 2012). Tal sentido trouxe para os estudos de gênero a recusa na ideia de que o termo, de maneira restrita, significaria sinônimo da categoria mulher, complexificando as análises empreendidas nos trabalhos acadêmicos de variadas áreas do conhecimento, incluindo a EF. Nas palavras de Scott (2012):

Gênero era sobre mulheres e homens, sobre como os traços atribuídos para cada sexo justificavam os diferentes tratamentos que cada um recebia, como eles naturalizavam o que era fato social, econômico e desigualdades políticas, como eles condensavam variedades da feminilidade e masculinidade em um sistema binário, hierarquicamente arranjado (SCOTT, 2012, p. 333).

Outra marca relevante da questão é o debate da interseccionalidade, por meio do atravessamento do gênero por outros marcadores da diferença. A perspectiva interseccional sobrepõe-se ao mero reconhecimento da multiplicidade de sistemas de opressão, que operam a partir de categorias como gênero, orientação sexual, classe, raça, idade, deficiência, entre outras, transpondo a soma das desigualdades, dominações ou arranjos de identidades e diferenças na direção de uma abordagem integrada (POCAHY, 2011). Assim, além dos marcadores citados, categorias como altura, peso corporal e habilidades motoras – circulantes nas aulas de EF escolar – são destacadas para promover uma reflexão mais complexa de como sua intersecção com o “gênero” pode afetar os/as praticantes de atividades físicas e esportivas, gerando práticas de exclusão. O gabarito da questão (letra “A”) requer que o/a candidato/a reconheça os deslocamentos na prática de jogos e de exercícios físicos para além de sua generificação enquanto mas-

culinos ou femininos, sendo praticados por homens, mulheres e pessoas com deficiência.

Mulheres em modalidades de reserva masculina

Figura 2. Questão 19 da prova do ENEM 2018

QUESTÃO 19

Encontrando base em argumentos supostamente científicos, o mito do sexo frágil contribuiu historicamente para controlar as práticas corporais desempenhadas pelas mulheres. Na história do Brasil, exatamente na transição entre os séculos XIX e XX, destacam-se os esforços para impedir a participação da mulher no campo das práticas esportivas. As desconfianças em relação à presença da mulher no esporte estiveram culturalmente associadas ao medo de masculinizar o corpo feminino pelo esforço físico intenso. Em relação ao futebol feminino, o mito do sexo frágil atuou como obstáculo ao consolidar a crença de que o esforço físico seria inapropriado para proteger a feminilidade da mulher "normal". Tal mito sustentou um forte movimento contrário à aceitação do futebol como prática esportiva feminina. Leis e propagandas buscaram desacreditar o futebol, considerando-o inadequado à delicadeza. Na verdade, as mulheres eram consideradas incapazes de se adequar às múltiplas dificuldades do "esporte-rei".

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino: uma revisão sistemática. *Movimento*, Porto Alegre, n. 1, 2013 (adaptado).

No contexto apresentado, a relação entre a prática do futebol e as mulheres é caracterizada por um

- A** argumento biológico para justificar desigualdades históricas e sociais.
- B** discurso midiático que atua historicamente na desconstrução do mito do sexo frágil.
- C** apelo para a preservação do futebol como uma modalidade praticada apenas pelos homens.
- D** olhar feminista que qualifica o futebol como uma atividade masculinizante para as mulheres.
- E** receio de que sua inserção subverta o "esporte-rei" ao demonstrarem suas capacidades de jogo.

Fonte: ENEM 2018.

A segunda categoria se refere à tematização da inserção de mulheres em modalidades de reserva masculina em nossa cultura corporal. A primeira das questões mapeadas esteve presente no exame de 2018 e abordou as desigualdades históricas vividas pelas mulheres no esporte utilizando trecho do artigo intitulado *Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática*, de autoria de Fábio Luís Santos Teixeira e Iraquitán de Oliveira Caminha.² Os autores trazem uma discussão sobre as barreiras culturais que as mulheres enfrentam para praticarem o futebol, tendo como gabarito a alternativa “A”, que requer do/a aluno/a do Ensino Médio uma reflexão sobre a crítica do uso da biologia como justificativa para o impedimento das mulheres à prática do futebol (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013), aspecto, por vezes, presente também nas vivências deste conteúdo nas aulas de EF escolar.

Como mencionamos, aspectos biológicos foram historicamente enunciados como justificativa para marcar diferenciações entre corpos de homens e mulheres e desigualdades de acesso à prática esportiva, corroborando para a restrição de possibilidades de participação das mulheres nas atividades físicas e esportivas. O determinismo biológico adota um discurso que enfatiza como “natural” um conjunto de diferenças históricas e sociais entre homens e mulheres, legitimando relações de dominação que se materializaram nas dificuldades de acesso e oportunidade às mulheres em variadas instâncias sociais, sobretudo no esporte (DEVIDE, 2005). As justificativas biológicas foram reiteradas pelo discurso médico, que atrelava o envolvimento das mulheres com os esportes ao risco de comprometimento da maternidade: “Casos de amamentação, maternidade, menstruação, aspectos biológicos, foram historicamente usados para explicar e justificar os cuidados, prevenções e barreiras da participação feminina nos esportes” (DEVIDE, 2005, p. 36).

Scott (2012) postula que o conceito de gênero, cunhado na década de 1970 e problematizado nos anos de 1990, recusou a ideia de que a anatomia das mulheres fosse o seu destino, afirmando

² Disponível em: <https://bit.ly/3bERi4S>. Acesso em: 22 jul. 2020.

que os papéis alocados para elas eram convenções sociais e não ditames biológicos. Todavia, em alguns contextos, tais como em enunciações do ativismo feminista e na formulação de políticas públicas voltadas à equidade de gênero, a biologia é retomada para marcar a categoria mulher como universal, desconsiderando suas complexidades internas (SCOTT, 2012). Tal associação também ocorre no campo do esporte, quando discursos regulatórios – pautados pela biologia – ainda produzem efeitos para autorizar (ou não) a participação das mulheres no esporte. A regulação e o controle dos corpos das mulheres são justificados por uma suposta “proteção” que dá elegibilidade a essa participação por meio de uma distinção sexual (PIRES, 2016). Sobre esta discussão, damos continuidade por meio da análise da próxima questão, alocada na mesma categoria.

Figura 3. Questão 125 da prova do ENEM 2016

QUESTÃO 125

O filme *Menina de ouro* conta a história de Maggie Fitzgerald, uma garçoneira de 31 anos que vive sozinha em condições humildes e sonha em se tornar uma boxeadora profissional treinada por Frankie Dunn.

Em uma cena, assim que o treinador atravessa a porta do corredor onde ela se encontra, Maggie o aborda e, a caminho da saída, pergunta a ele se está interessado em treiná-la. Frankie responde: "Eu não treino garotas". Após essa fala, ele vira as costas e vai embora. Aqui, percebemos, em Frankie, um comportamento ancorado na representação de que boxe é esporte de homem e, em Maggie, a superação da concepção de que os ringues são tradicionalmente masculinos.

Historicamente construída, a feminilidade dominante atribui a submissão, a fragilidade e a passividade a uma "natureza feminina". Numa concepção hegemônica dos gêneros, feminilidades e masculinidades encontram-se em extremidades opostas.

No entanto, algumas mulheres, indiferentes às convenções sociais, sentem-se seduzidas e desafiadas a aderirem à prática das modalidades consideradas masculinas. É o que observamos em Maggie, que se mostra determinada e insiste em seu objetivo de ser treinada por Frankie.

FERNANDES, V.; MOURÃO, L. *Menina de ouro e a representação de feminilidades plurais. Movimento*, n. 4, out.-dez. 2014 (adaptado).

A inserção da personagem Maggie na prática corporal do boxe indica a possibilidade da construção de uma feminilidade marcada pela

- A** adequação da mulher a uma modalidade esportiva alinhada a seu gênero.
- B** valorização de comportamentos e atitudes normalmente associados à mulher.
- C** transposição de limites impostos à mulher num espaço de predomínio masculino.
- D** aceitação de padrões sociais acerca da participação da mulher nas lutas corporais.
- E** naturalização de barreiras socioculturais responsáveis pela exclusão da mulher no boxe.

Fonte: ENEM 2016.

Na questão 125, parte do exame de 2016,³ a temática da inserção das mulheres em modalidades de reserva masculina é novamente abordada em discussão presente no artigo de Vera Fernandes e Ludmila Mourão, intitulado *Menina de ouro e a representação de feminilidades plurais*. No recorte utilizado para o texto-base da questão, as autoras trazem a dificuldade da personagem Maggie em treinar boxe pela recusa do técnico Frankie, sob a justificativa de que ele não trabalharia com o treinamento de garotas. A resposta correta da questão é a alternativa “C” e requer que o/a candidato/a reflita sobre a existência de uma feminilidade “dominante”, representada por atributos como submissão, fragilidade e delicadeza; e outras feminilidades possíveis, como aquela na qual mulheres que se inserem na prática de modalidades consideradas masculinas se enquadram, contestando as regulações de gênero nos esportes (FERNANDES; MOURÃO, 2014).

Nesta categoria, além da biologia emergir como argumento para o impedimento à participação das mulheres em alguns esportes, é necessário refletirmos sobre outras regulações sociais que afetam esse processo. Mulheres que se dedicam à prática de esportes generificados como masculinos, recorrentemente, são consideradas desviantes da matriz heteronormativa que pressupõe a linearidade entre sexo, gênero e desejo, conferindo inteligibilidade e reconhecimento social aos sujeitos que nela se enquadram (BUTLER, 2015). Neste cenário, mulheres atletas que desestabilizam os modelos hegemônicos de feminilidade por não se adequarem às normas estão vulneráveis ao preconceito e às sanções sociais, pois subvertem as fronteiras desta inteligibilidade, não submetendo-se aos regimes da heterossexualidade compulsória. Halberstam (2008) defende que é necessário o reconhecimento de que atributos como velocidade, resistência e força sejam valências físicas que possam também ser desenvolvidas em corpos de mulheres e não restritamente aos corpos de homens, o que seria um grande passo não só à equidade de gênero no esporte, mas também ao reconhecimento da possibilidade e de vivência de uma

³ Disponível em: <https://bit.ly/3k85CpB>. Acesso em: 22 jul. 2020.

masculinidade feminina por parte das mulheres, o que inclui as escolares que participam das aulas de EF.

Figura 4. Questão 126 da prova do ENEM 2016

QUESTÃO 126

Entrevista com Terezinha Guilhermina

Terezinha Guilhermina é uma das atletas mais premiadas da história paraolímpica do Brasil e um dos principais nomes do atletismo mundial. Está no *Guinness Book* de 2013/2014 como a “cega” mais rápida do mundo.

Observatório: Quais os desafios você teve que superar para se consagrar como atleta profissional?

Terezinha Guilhermina: Considero a ausência de recursos financeiros, nos três primeiros anos da minha carreira, como meu principal desafio. A falta de um atleta-guia, para me auxiliar nos treinamentos, me obrigava a treinar sozinha e, por não enxergar bem, acabava sofrendo alguns acidentes como trombadas e quedas.

Observatório: Como está a preparação para os Jogos Paraolímpicos de 2016?

Terezinha Guilhermina: Estou trabalhando intensamente, com vistas a chegar lá bem melhor do que estive em Londres. E, por isso, posso me dedicar a treinos diários, trabalhos preventivos de lesões e acompanhamento psicológico e nutricional da melhor qualidade.

Revista do Observatório Brasil de Igualdade de Gênero, n. 6, dez. 2014 (adaptado).

O texto permite relacionar uma prática corporal com uma visão ampliada de saúde. O fator que possibilita identificar essa perspectiva é o(a)

- A** aspecto nutricional.
- B** condição financeira.
- C** prevenção de lesões.
- D** treinamento esportivo.
- E** acompanhamento psicológico.

Fonte: ENEM 2016.

A temática das mulheres no esporte é novamente abordada na questão 126, que compôs o exame de 2016, mas apresenta

outro enfoque de discussão: a relação entre a prática esportiva e uma visão ampliada de saúde, não problematizando o gênero e/ou a sexualidade. A questão é formulada a partir de um excerto da entrevista com a atleta paraolímpica Terezinha Guilhermina, publicada numa edição da Revista do Observatório da Igualdade de gênero em 2014, na qual, além da preparação para a Paraolimpíada de 2016, abordou-se as dificuldades que a atleta, deficiente visual, enfrentou para seguir com a carreira profissional no atletismo. Mapeamos este item presente no *corpus* documental com o intuito de demarcarmos a visibilidade das mulheres no esporte, assim como uma marca importante sobre as raízes dos Estudos de Gênero na Educação Física brasileira (DEVIDE, 2020). Contudo, avaliemos que o item não tematiza o “gênero” e/ou a “sexualidade”.

Construção sociocultural do corpo feminino

Figura 5. Questão 21 da prova do ENEM 2017

QUESTÃO 21

Apesar de muitas crianças e adolescentes terem a Barbie como um exemplo de beleza, um infográfico feito pelo *site* Rehabs.com comprovou que, caso uma mulher tivesse as medidas da boneca de plástico, ela nem estaria viva.

Não é exatamente uma novidade que as proporções da boneca mais famosa do mundo são absurdas para o mundo real. Ativistas que lutam pela construção de uma autoimagem mais saudável, pesquisadores de distúrbios alimentares e pessoas que se preocupam com o impacto da indústria cultural na psique humana apontam, há anos, a influência de modelos como a Barbie na distorção do corpo feminino.

Pescoço

Com um pescoço duas vezes mais longo e 15 centímetros mais fino do que o de uma mulher, a Barbie seria incapaz de manter sua cabeça levantada.

Cintura

Com uma cintura de 40 centímetros (menor do que a sua cabeça), a Barbie da vida real só teria espaço em seu corpo para acomodar metade de um rim e alguns centímetros de intestino.

Quadril

O índice que mede a relação entre a cintura e o quadril da Barbie é de 0,56, o que significa que a medida da sua cintura representa 56% da circunferência de seu quadril. Esse mesmo índice, em uma mulher americana média, é de 0,8.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com>. Acesso em: 2 maio 2015.

Ao abordar as possíveis influências da indústria de brinquedos sobre a representação do corpo feminino, o texto analisa a

- A** noção de beleza globalizada veiculada pela indústria cultural.
- B** influência da mídia para a adoção de um estilo de vida salutar pelas mulheres.
- C** relação entre a alimentação saudável e o padrão de corpo instituído pela boneca.
- D** proporcionalidade entre a representação do corpo da boneca e a do corpo humano.
- E** influência mercadológica na construção de uma autoimagem positiva do corpo feminino.

Fonte: ENEM 2017.

A última questão do *corpus* documental compôs o exame de 2017 e abordou a influência da boneca Barbie como modelo de beleza para jovens mulheres.⁴ A questão traz o trecho de uma reportagem do jornal *O Globo*, publicada no ano de 2013,⁵ que discute sobre a impossibilidade das proporções corporais da boneca Barbie serem materializadas em seres humanos. Com dados que comparam a proporcionalidade de partes do corpo da boneca com o de uma mulher, como pescoço, cintura e quadril, a questão requer uma reflexão crítica dos/das candidatos/as sobre os padrões corporais culturalmente construídos e impostos às mulheres, trazendo como gabarito a alternativa “D”.

4 Disponível em: <https://bit.ly/3344X1i>. Acesso em: 22 jul. 2020.

5 Infográfico comprova que corpo da Barbie não é exemplo de saúde. Disponível em: <https://glo.bo/35eXnm>. Acesso em: 22 jul. 2020.

Segundo Roveri (2008), embora produzida nos Estados Unidos, a boneca Barbie possui ascendência alemã, sendo fruto de um modelo feminino idealizado no pós-guerra, que construiu uma memória sobre os sentidos do “ser mulher” por quase meio século. Para a autora, a Barbie foi criada com o objetivo de apresentar, em forma de boneca, uma mulher adulta, moderna, consumista e feliz com seu corpo em forma. Além de que, a “Barbie impõe uma significação corporal construída sob os moldes higienistas e eugênicos, consagrando-se como uma das inscrições da contemporaneidade que assinala profundamente a sua marca cor-de-rosa sob o corpo de milhões de meninas” (ROVERI, 2008, s/p.).

Deste modo, uma representação específica de corpo feminino é instituída socialmente desde a infância por meio deste brinquedo. Ainda que novos modelos da boneca tenham sido criados, abarcando uma diversidade cultural e étnica, mantém-se a legitimação de padrões corporais a serem atingidos pelas mulheres: ausência de estrias, varizes, culotes, gorduras, além de traços da branquitude e uma eterna juventude (ROVERI, 2008), presentes no modelo de feminilidade performatizado historicamente pela “Barbie padrão” e abordado de forma crítica na referida questão do ENEM. A Barbie pode ser considerada um exemplo de como a reiteração forçosa das normas materializa nos corpos os efeitos do poder, produzindo os fenômenos que os regula e os impõem (BUTLER, 2019), como a representação de uma feminilidade unívoca.

Considerações Finais

Após a problematização das questões mapeadas, voltamos nosso olhar para a educação básica. Reconhecemos a potencialidade da abordagem dos temas “gênero” e “sexualidade” como conteúdos nas aulas de EF do ensino médio, visando não somente apenas a preparação dos/das estudantes para a realização da pro-

va, mas, sobretudo, a contribuição para uma formação humana, crítica e inclusiva, pela inserção destes temas no currículo escolar. Entretanto, estudos já realizados indicam que a inserção das questões de EF no ENEM ainda não promoveu mudanças significativas mais amplas no currículo e na prática pedagógica de docentes da educação básica, que desconhecem ou não consideram o ENEM um parâmetro influenciador de sua construção, planejamento e avaliação (SANTOS, 2016; METZNER *et al.*, 2017).

Cabe ressaltar que, no mapeamento dos cadernos de prova, não localizamos questões de EF que abordassem a categoria “sexualidade”. Da mesma forma, destacamos que a última questão que abordou a temática do “gênero” no exame ocorreu no ENEM de 2018. Diversos projetos de lei que focalizaram a abordagem do “gênero” no contexto educativo passaram a questionar a legitimidade da escola enquanto espaço para tal, pautados em discursos conservadores, alinhados com bancadas religiosas, que acirraram a vigilância e o cerceamento dessas temáticas na educação básica, buscando criminalizar a ação docente e censurá-la, como o PL7180/14 (DEVIDE, 2020). A título de exemplo, o governo atual constituiu uma comissão que realizou uma inspeção no banco de questões do INEP, retirando 66 itens do Banco Nacional de Itens (BNI) que, na sua interpretação, apresentavam “abordagens controversas” e/ou “teor ofensivo”, conforme reportagem do site *terra*,⁶ o que talvez tenha refletido na ausência das temáticas do “gênero” e da “sexualidade” nas questões de EF no exame de 2019. Da mesma forma, após a aplicação da prova, constatou-se que não houve questões que abordaram o tema “ditadura militar” de forma explícita no ENEM, fato que não ocorria desde 2009.

Como já mencionamos, o conservadorismo que se alastra no país atualmente impactou o campo educacional nos últimos anos, refletindo na presença dos termos “gênero” e “sexualidade” neste âmbito, suprimidos de documentos oficiais da área, como o PNE, planos estaduais e municipais, além da BNCC, o que afeta a sua abordagem e circulação em várias esferas da Educação, da

⁶ Comissão criada pelo governo barrou 66 questões do ENEM. Disponível em: <https://bit.ly/3hwUzop>. Acesso em: 23 jul. 2020.

Educação Básica ao Ensino Superior (DEVIDE, 2020). Com o intuito de frear as conquistas por direitos de sujeitos subalternizados, lutas estas protagonizadas, sobretudo, por movimentos feministas e LGBTQIA+, grupos políticos conservadores e religiosos difundiram o slogan da “ideologia de gênero” como “uma avalanche de ideias reacionárias que busca inundar a todos e todas como moralismos, divisões naturalizadas, identidades fixas, generificações hierárquicas, silêncios interessados, ódios destruidores, omissões desastrosas, retrocessos inaceitáveis” (PARAÍSO, 2018, p. 25).

A transposição de barreiras para o debate amplo sobre “gênero” no campo da Educação, especificamente na escola e na EF escolar, se coloca como um desafio no contexto histórico conservador que vivemos no país hoje. O silenciamento destas questões corrobora a exclusão de crianças, jovens, adolescentes e adultos dos espaços sociais, sobretudo na escola, em virtude de suas identidades de gênero e/ou sexual dissidentes, o que legitima a desigualdade, o preconceito e a violência, culminando com a evasão escolar destes grupos (DEVIDE, 2020).

Neste cenário, resistências também se fizeram presentes, como a criação da Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015,⁷ que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada, que no Capítulo V – Da formação inicial do magistério da Educação Básica em nível superior: estrutura e currículo – Art. 13. § 2º, devem garantir conteúdos sobre diversidade sexual e de gênero (DEVIDE, 2020). Contudo, tal Resolução foi substituída no governo atual pela de nº 2, de 20 de dezembro de 2019,⁸ que revoga a anterior e apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior de professores para a Educação Básica, suprimindo todas as menções aos termos “gênero” e/ou “sexualidade”. Outro fato recente ocorreu no mês de abril de 2020, quando o Superior Tribunal Federal (STF) reconheceu a inconstitucionalidade de proibição da abordagem das questões de gênero nas escolas do mu-

7 Disponível em: <https://bit.ly/2WV0V9n>. Acesso em: 23 jul. 2020.

8 Disponível em: <https://bit.ly/3341Vu8>. Acesso em: 7set. 2020.

nicípio de Novo Gama – GO.⁹ É neste contexto de embates que os temas gênero e sexualidade vêm sendo disputados na contemporaneidade no nosso país.

Entre as cinco questões que abordaram o tema “gênero”, uma abordou os aspectos relacionais do masculino e feminino e as demais focalizaram, majoritariamente, discussões sobre as mulheres no esporte ou a construção sociocultural de seus corpos, corroborando o fato dos estudos de gênero na EF ainda trazerem fortes influências dos estudos que tiveram como foco as mulheres, o que, por algum tempo, colaborou para uma representação de que se estudar gênero era sinônimo de se estudar mulheres (GOELLNER, 2013; DEVIDE, 2020).

No contexto de avanços e recuos no que tange à abordagem das temáticas do “gênero” e da “sexualidade” no âmbito educacional, interpretamos que o ENEM emerge como um espaço de resistência à vigilância e ao controle acerca da circulação deste debate na Educação. Neste cenário, os itens de EF presentes no exame entre 2009 e 2019 sinalizam que a EF escolar no Ensino Médio necessita refletir sobre como questões de gênero e sexualidade passam os corpos que vivenciam e aprendem seus conteúdos no intuito de combater a reprodução de discursos sexistas, binários e preconceituosos que fomentam as práticas de exclusão e violência por gênero nas escolas.

Por fim, após a análise do *corpus* documental, também avaliamos que, apesar do reconhecimento quanto ao avanço no que tange à abordagem do tema “gênero” nas questões do ENEM e na resistência que este fato configura, faz-se necessário que as questões ampliem seus enfoques, abordando a temática da “sexualidade”, da “orientação sexual”, das “masculinidades”, e/ou da “transgeneridade” na EF, acompanhando o campo de estudos de gênero e sexualidade nesta área do conhecimento, que tem ampliado seus enfoques para além do “gênero” ao pensar as práticas corporais nos seus variados espaços de desenvolvimento.

⁹ STF declara inconstitucional lei municipal que proíbe debate de gênero nas escolas. Disponível em: <https://bit.ly/2Ytwg4u>. Acesso em: 24 jul. 2020.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRÃO, José Arlen. A Educação Física na escola do vestibular: as possíveis implicações do ENEM. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 819-840, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/39g-CA2G>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. **Edital 27, 30 de maio de 2020**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2OdtMB3>. Acesso em: 11 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): fundamentação teórico-metodológica**. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3fkZrfB>. Acesso em: 11 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência ENEM**. Brasília: MEC/INEP, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2Gu-Gpqz>. Acesso em: 11 jul. 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: n-1, 2019.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. 5ª impressão. Barcelona: Paidós, 2015.

BUTLER, Judith. Fundações contingentes: feminismo e a questão do "pós-modernismo". In: BENHABI, Seyla *et al.* **Debates feministas: um intercâmbio filosófico**. São Paulo: Unesp, 2018, p. 61 - 92.

DEVIDE, Fabiano *et al.* Estudos de gênero na Educação Física brasileira. **Matriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, jan./mar. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3idPGR2>. Acesso em: 11 jul. 2020.

DEVIDE, Fabiano. Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia *queer*. In:

WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (orgs.). **Gênero e sexualidade no esporte e na Educação Física**. Natal: EDUFRN, 2020, p. 91 - 105.

DEVIDE, Fabiano. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

FRANCO, Laercio *et al.* Educação Física e ENEM: O olhar do Coordenador Pedagógico. *In*: DARIDO, Suraya. (org.). **Educação física no ensino médio**: diagnóstico, princípios e práticas. Ijuí: Unijuí, 2017, p. 493-509.

FERNANDES, Anael; RODRIGUES, Heitor; NARDON, Tiago. A inserção dos conteúdos da Educação Física no ENEM: entre a valorização do componente curricular e as contradições da democracia. *In*: DARIDO, Suraya. (org.). **Educação física no ensino médio**: diagnóstico, princípios e práticas. Ijuí: Unijuí, 2017, p. 477-492.

FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmila. Menina de ouro e a representação de feminilidades plurais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, out./dez. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/39ayTve>. Acesso em: 11 jul. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. *In*: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (orgs.). **Educação física e gênero**: desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-43.

HALBERSTAM, Judith. **Masculinidad femenina**. Barcelona: Egales, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 9-27.

METZNER, Andreia Cristina *et al.* Contribuição da Educação Física para o Ensino Médio: estudo a partir da prática docente de professores de Institutos Federais. **Motrivivência**, Florianópolis, v.

29, n. 52, p. 106-123, set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3n7Y-9ZZ>. Acesso em: 11 jul. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MOLINA, Rosane M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. *In: TRIVIÑOS, Augusto N. S. et al. (orgs.) A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 2004. p. 95 – 105.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. *In: CALDEIRA, Maria Carolina; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.) Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza, 2018, p. 23 - 52.

PIRES, Barbara. As políticas de verificação de sexo/gênero no esporte: intersexualidade, doping, protocolos e resoluções. **Sexualidad, salud y sociedad**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 215-239, set./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/30pqlwN>. Acesso em: 11 jul. 2020.

POCAHY, Fernando. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/39g20xw>. Acesso em: 19 jul. 2020.

PONTES JUNIOR, José Airton Freitas *et al.* Aspectos psicométricos dos itens de Educação Física relacionados aos conhecimentos de Esporte e Saúde no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 12, supl. 1, p. 12-21, dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2BdmnP6>. Acesso em: 19 jul. 2020.

PONTES JÚNIOR, Jose Airton Freitas *et al.* Estudantes da educação de jovens e adultos na Educação Física no Enem. **Revista de estudios e investigación en Psicología y Educación**, La Rioja, n. 10, p. 76-80, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3kRAavU>. Acesso em: 19 jul. 2020.

ROVERI, Fernanda Theodoro. Barbie: menininha quando brinca põe a mão no coração? **Labrys estudos feministas**, Brasília, v. 13, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2WP7cmZ>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SANTOS, Apolo Alecrim Braz. **O impacto da inclusão de itens de Educação Física no Enem na prática pedagógica dos professores de Educação Física do ensino médio**. 2016. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, ago. 1999. Disponível em: <https://bit.ly/2WGr9MD>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DINIZ, Irla Karla Santos; DITOMASO, Aline. Educação Física no Enem: análise das questões de gênero à luz dos PCNs. *In*: DARIDO, Suraya. (org.). **Educação física no ensino médio: diagnóstico, princípios e práticas**. Ijuí: Unijuí, 2017, p. 455-475.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, julho/dezembro, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://bit.ly/32D-FU6D>. Acesso em: 19 jul. 2020.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 45, p. 327-351, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2OEaUeB>. Acesso em: 19 jul. 2020.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/39aBeXj>. Acesso em: 19 jul. 2020.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.